



Oliveiras e Venturas: narrativas da presença de famílias quilombolas do/no Alto Paranaíba.

Oliveiras and Venturas: narratives of the presence of quilombola families in Alto Paranaíba.

Oliveiras y Venturas: narrativas de la presencia de familias quilombolas en Alto Paranaíba.

Lucas Rodrigues do Carmo [*]

[*] Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH - UFG), Professor de História na Rede Municipal de Educação de Uberlândia - MG, e-mail: lucascarmo@discente.ufg.br

Para que o leitor compreenda a densidade da publicação do livro *Oliveiras e Venturas: Histórias e memórias de famílias Quilombolas em Patos de Minas Alto Paranaíba - Minas Gerais* (2024), é preciso inicialmente ecoar o depoimento de José Ventura:

A gente precisa contar que o quilombo é lugar de família, de resistência de um povo oprimido e não de gente assassina, aliás, o assassino é o Estado e aqueles que são seus protegidos, digo isso porque gente de minha família já foi morta por lutar por nossas terras que foram frutos de doação, mas sempre achavam melhor tratar nosso povo como escravos fugidos que deviam ser mortos em seus povoados, mesmo que fossem lugares de gente livre, que produzia na terra para sobreviver. Nós agora temos condições de contar a nossa história sem deixar que tirem o brilho da luta de nossos ancestrais, de guerreiros quilombolas, de gente capaz, quiseram, nos tirar da história do Brasil, mas somos os quilombolas da beira do Rio Paranaíba que a maioria dos historiadores esconderam (Ventura, José. Coordenador da Central das lideranças Quilombos do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba - MG. Depoimento obtido em 29/07/2011) (Brasileiro 2024, 51).

O livro *Oliveiras e Venturas: Histórias e memórias de famílias Quilombolas em Patos de Minas Alto Paranaíba - Minas Gerais* (2024) é, por excelência, uma publicação coletiva com raízes na ancestralidade, que em muito contribui para o alargamento dos caminhos e possibilidades de aprendizagem da Universidade com as comunidades tradicionais de Minas Gerais.

A organização da obra é assinada pelo historiador Jeremias Brasileiro, que, para além do título de Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia, estabelece conexões profundas com as culturas e patrimônios afro-brasileiros, a saber: Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Sul de Minas, sendo ocupante da cadeira n°5, cujo patrono é Rei Ambrósio; representante da Associação dos Remanescentes dos Quilombos das famílias Teodoro de Oliveira e Ventura (ARQTOV), bem

como da Federação Nacional das Associações Quilombolas (FENAC); sendo ainda comandante geral da festa da Congada em Uberlândia - MG e da Irmandade do Reinado do Rosário de Rio Paranaíba, Alto Paranaíba, MG.

O livro físico e a versão *e-book*, publicados pelo Editora Subsolo, disponíveis gratuitamente no site da ARQTOV, é fruto de seleção pública via edital de nº 08/2023 para Pesquisa, Produção e Publicação de Livros no Município de Patos de Minas, por meio de recursos do Fundo Municipal de Patrimônio Cultural (Fumpac), em parceria com a Diretoria de Igualdade Racial, Memória e Patrimônio Cultural (Dimep).

Trata-se, portanto, de uma ação organizada, de cunho comunitário-político, que mira o reconhecimento e valorização das comunidades tradicionais como construtoras do presente e do passado da nação, em confluência com a historiadora Beatriz Nascimento, que afirma ser “tempo de falarmos de nós mesmos, não como “contribuintes” nem como vítimas de uma formação histórico-social, mas como participantes desta formação” (Nascimento 2006, 101).

Sinaliza, ainda, um avanço na institucionalização das lutas empreendidas pelas comunidades remanescentes de quilombos, que somente com o processo da Constituinte de 1988 passaram a figurar no campo dos direitos, forjando, então,

Um marco histórico significativo não apenas no campo dos direitos, mas na constituição de novas subjetividades foi o processo Constituinte de 1988, que propiciou a criação de um novo sujeito político: as comunidades remanescentes de quilombos. No que se refere à luta antirracista, estavam mobilizadas organizações do movimento negro de bases urbanas e aquelas constituídas na luta no meio rural. Em conjunto, buscavam incluir, dentre os princípios constitucionais, a luta quilombola pelo direito à terra e a ampliação do debate no campo das políticas públicas acerca da situação da população negra (Almeida 2018, 92).

No que concerne aos elementos pré-textuais, a concepção gráfica da capa do livro foi produzida pelo artista Áquila Fercos, a partir da fotografia de Geison Neves (2018). Com planos múltiplos, a capa nos faz levantar diversas hipóteses sobre a densa e complexa experiência social dos Oliveiras e Venturas. Seja pelo casarão, que com a ação do tempo deixa ver um pouco de sua coloração, mesclada com os tijolos e madeiras que sustentam a construção, ou na parte de baixo da fundição, em que duas rodas de carro de boi tomam a cena e nos fazem perscrutar as práticas rurais do mundo do trabalho.

Enilson Rodrigues da Silva, membro da comunidade Teodoro de Oliveira e Ventura, está posicionado em perspectiva lateral e nos leva a pensar sobre a resistência das famílias quilombolas do/no Alto Paranaíba, atestando a narrativa de presença. Em primeiro plano, destaca-se a imagem do

[...] Bastão ancestral da Guarda do Moçambique da Família Ventura representando também um mourão de resistência na antiga fazenda de Nossa Senhora dos Remédios, no município de Catiara Alto Paranaíba, Minas Gerais. A peça tem pouco mais de um metro de comprimento. É feita em madeira e representa uma face, atribuída a Zumbi (Brasileiro 2024, 6).

O livro é composto por quatro textos, apresentados no contexto do projeto Seminários de Formação Cultural Afro-Brasileira em Patos de Minas, a saber: “Os direitos territoriais do Remanescentes do Quilombo de Ambrósio”, de autoria de Vanilda Honorário dos Santos; “Rei Ambrósio de dois lugares”, de autoria de Jeremias Brasileiro; “A produção de Açafraão de alta qualidade e o quilombola artesão”, de autoria de Enilson Rodrigues da Silva; “Raízes, ervas e folhas”, por Gasparina Pereira Gonçalves (*in memoriam*). É importante destacar que a obra apresenta uma memória visual das atividades desenvolvidas em torno da luta por reparação empreendida pelos quilombolas. Com a intenção de passear com o leitor por pontos fortes da obra em questão, apresentamos algumas análises acerca dos textos.

A jurista e filósofa Vanilda Honorário dos Santos aborda os direitos territoriais dos remanescentes de quilombo na interface entre Direito e História, inventariando as ações desenvolvidas no Triângulo Mineiro e no Alto Paranaíba desde o início dos anos 2000. Na perspectiva da autora, “abordar a questão do território é considerar as relações intersubjetivas que se estabelecem entre os sujeitos e o espaço, e para além disso, os modos de criar, fazer e viver que nele se estabelecem ao longo da história dos povos e comunidades tradicionais do Brasil” (Santos 2024, 12).

O texto “Rei Ambrósio de dois lugares”, de autoria de Jeremias Brasileiro, contribui para o debate sobre Quilombos e Congadas em Minas Gerais. Rei Ambrósio era um agricultor possuidor de terras ocupadas por núcleos familiares de negros livres e que teve suas terras invadidas. Recuperar a trajetória de Rei Ambrósio, líder e guerrilheiro quilombola, é um importante passo para refletir sobre o processo de libertação e o desejo dos libertos de viver e construir suas visões de mundo.

O historiador sinaliza ainda que “no início do século XVIII, já se identificavam manifestações da cultura religiosa dos Reinados e Congados em Minas Gerais por meio de registro de viajantes europeus, folcloristas, padres e leigos católicos” (Brasileiro 2024, 44), apontando a ainda latente necessidade de realização de um maior número de estudos históricos sobre os quilombos e as congadas nas Gerais. Porém, ao inferir sobre tal necessidade, Jeremias Brasileiro realiza um importante exercício de metodologia da escrita da história desde uma perspectiva antirracista, ao destacar que:

Contudo é possível considerar que esses rituais existissem muito antes das primeiras anotações desses observadores europeus e naturalmente, para a época, apesar de evidenciar visões importantes, estavam impregnadas de preconceitos, em que negros livres ou escravizados eram destituídos de suas dignidades humanas, vistos como exemplares exóticos, alegres, farristas, malandros, pouco afeitos ao trabalho (Brasileiro 2024, 44).

Por meio desta provocação, fica evidente a urgência de uma escrita da história preocupada com a construção de representações negras positivas (Gomes 2005), a fim de recuperar uma certa continuidade histórica¹ desde o nível da vida das populações negras nos contextos das comunidades tradicionais. Um exemplo se dá pela valorização dos conhecimentos quilombolas, pois os negros fugidos, bem como negros livres “quando se embrenhavam nas matas, tornavam-se desbravadores que utilizavam as terras para agricultura de subsistência, sem esquecer que nesses lugares, encontravam-se pedras preciosas, diamantes, ouro e, sobretudo, enormes reservas de mananciais de água” (Brasileiro 2024, 48).

Os saberes tradicionais na lida com a terra são detalhados na fala² de Enilson Rodrigues da Silva. Em “A produção de Açafrão de alta qualidade e o quilombola artesão”, Enilson descreve todo o processo de produção do açafrão, diferenciando as práticas tradicionais de produção das que são desenvolvidas pelas indústrias na atualidade. Ele afirma ainda que “o negro também tem a sua história na terra, onde na verdade falta espaço para ele produzir, para ele sobreviver”. No intervalo da produção do açafrão, emerge o quilombola artesão:

Nesse intervalo, a gente vira artista e brinca de confeccionar e pintar “as africanas”. Existe todo um processo, que hoje infelizmente, não está sendo possível trabalhar com a argila, por causa das chuvas químicas que estão acabando com a argila. Não é fácil dar liga, na queima, vem as rachaduras pois contém gotas dos ácidos vindo na chuva, e com a chegada das grandes indústrias, mineradoras, acontece a destruição dos brejos, das margens, onde tem argila, tudo acaba ficando contaminado, a matéria prima que é responsável pelo sustento de muitas famílias artesãs, está desaparecendo em razão dessa poluição química (Rodrigues 2024, 69).

No texto “Raízes, ervas e folhas: usos e saberes de mulheres quilombolas do Alto Paranaíba Minas Gerais”, há um inventário dos saberes médicos quilombolas. Cavalinha, hortelã, marcelinha, manjerição, poejo, patchouli, entre outras, têm os seus usos descritos no texto *in memoriam* de Gasparina Pereira Gonçalves, mestre quilombola da família Teodoro de Oliveira e Ventura, portadora dos saberes tradicionais das ervas e plantas medicinais.

As histórias e memórias das famílias quilombolas do Alto Paranaíba ganham materialidade textual com a publicação do e-book. Por outro lado, a História enquanto disciplina ganha uma grande contribuição, pois, como afirma Beatriz Nascimento “o quilombo representa um instrumento vigoroso

¹Nos ancoramos em Beatriz Nascimento para a definição de continuidade histórica. “Continuidade histórica é um termo ainda mais abstrato do que “sobrevivência” ou “resistência cultural” dos antropólogos. A continuidade seria a vida do homem – e dos homens – continuando aparentemente sem clivagens, embora achatada pelos vários processos e formas de dominação, subordinação, dominância e subserviência. Processo que aconteceu, ao longo desses anos, com aqueles que, em nossas abstrações, se englobam na categoria de negros” (Nascimento 2006, 110).

²A fala de Enilson Rodrigues da Silva foi transcrita por Jeremias Brasileiro para compor a obra.

no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional” (Nascimento 2006, 124).

Considerações Finais

Em consonância com Gomes (1997), consideramos que, desde o período colonial, os quilombos constituem-se enquanto uma “sociedade dentro da sociedade” que lutam pela liberdade e pela dignidade das pessoas negras que tiveram suas vidas atravessadas pela escravização e pela precariedade estrutural da experiência de liberdade negra no Brasil (Chalhoub 2011).

Desta feita, o reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombos na Constituição de 1988 representa a força e o legado das lutas empreendidas pelos quilombolas em perspectiva histórica. O caminho das matas até o reconhecimento institucional é resultado da organização e combatividade quilombola.

Para além da publicização da trajetória dos Oliveiras e Venturas, o livro contribui para que outras comunidades quilombolas espalhadas pelo território nacional possam se organizar para reivindicar a regulamentação da posse de suas terras junto à União.

Referências Bibliográficas

Almeida, Mariléa de. 2018. *Território de Afetos: práticas femininas antirracistas nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1063688>.

Brasileiro, Jeremias. 2024. *Oliveiras e Venturas: Histórias e memórias de famílias Quilombolas em Patos de Minas Alto Paranaíba - Minas Gerais*. Uberlândia: Editora Subsolo.

Chalhoub, Sidney. 2011. “Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX)”. *História Social* 14 (19): 33-62. <https://doi.org/10.53000/hs.v14i19.315>.

Gomes, Flávio dos Santos. *A Hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (sécs. XVII-XIX)*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1997. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/114218>

Gomes, Nilma Lino. 2005. “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão” In *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*, editado por Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), 39-64. Brasília: MEC/SECAD.

Ratts, Alex. 2006. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza.